

◦ ALEM ◦

de Petrus Ivanovitch Zagoriensky

(fragmento)

a M.^{lle} Marfa Ivanovna Zagoriensky,
irmã do Poeta — esta interpretação por-
tuguesa é comovidamente dedicada.

I.

CRRAVAM pelo ar naquela tarde loira efluvios róxos
d'Alma e ansias de não-ser.

Mãos santas de rainha, loucas d'esmeraldas, da-
vam arôma e rócio á brisa do crepusculo.

O ar naquela tarde era saudade e além...

.....
E as asas duma quimera, longinquamente batendo, a un-
gi-lo d'irreal...

.....
Lufadas de folhas mortas, todas cheirosas a sombra...

.....
Um ar que sabia a luz e que rangia a cristal...

.....
E muito ao longe, muito ao longe, as casas brancas...

2.

Na grande alcôva da vitória, toda núa e toda ruiva, eu
tinha-a finalmente estiraçada sobre o leito fantástico da Cór.

Linda espiral de carne agreste — a mais formosa enchia
para mim os olhos de misterio, sabendo que eu amava as on-
das de estranheza...

E os seus braços, de nervosos, eram corsas...

E os seus labios, de rubros, eram dôr...

◆ ALEM ◆

No jardim, os girassóis não olhavam para o Sol...

.....

Verguei-me todo sobre ela...

A hora esmaeceu...

O ar tornou-se mais irreal...

Houve um cortejo de estrelas...

.....

Em face daquela glória, que tumultuava tão perto, que me ia sagrar enfim, os meus olhos eram esforço e a minh'alma um disco d'ouro!...

.....

.....

A louca acerava as pontas dos seios, para os tornar mais acres, para me ferir melhor.

E os meus lábios d'ansia, sofriam já da saudade dos beijos que lhe iam dar...

.....

Ao longe sempre as casas brancas...

3.

...E foi então quando eu já me sentia entrelaçado d'ouro, sagrado d'além-côr, quando era todo encanto em laivos de infinito — que o instante abateu e me desencantei...

Sobre o seu corpo de equilíbrio — uivos d'horror! uivos d'horror! — cabriolante se elançara a teoria arrepiadora dos angulos agudos, zombando estridentemente dos redemoinhos e das curvas...

Gumes brutais, turbilhões silvantes, linhas quebradas destruidoras — tudo sulcavam! tudo sugavam!... A limpidez! A limpidez!...

— Pavor sem nome!...

E uma gaiola picaresca de losangos veio descendo guturalmente a desnudar-lhe a carne nua — de toda a côr, de todo o som, de todo o arôma; encerrando-a, a girar em volta dela numa vertigem monstruosa de circulos enclavinados, impossíveis!...

Toda a beleza em estilhaços gritava-me que lha salvasse...

E o meu olhar — que saudade! — não lhe podia valer...

.....
As casas brancas não perdôam! As casas brancas não perdôam!...

4.

Triste de mim, sem dôr, a oscilar, ainda todo vibrante...
Queria mentir a mim mesmo, queria voltar — mas tudo me resvalava...

A' força de ilusão, volvi-me uma grande mentira: fui Príncipe sem rei, iluminado a luz falsa — luz que não soava, e era ôca, deserta e média...

— Para quê? Para quê?...

Breve o meu corpo tombava na terra firme, anoitecido em alma — e tudo ruía ao meu redór: asas de insônia, galeões dourados, torres de prata, zimbórios d'ouro... Tudo ruía — mas tudo ruía em sortilégio, noutras ruínas: o ouro, em seios perdidos; a prata, em glória abandonada...

.....
Só as ruínas das casas brancas eram ruínas de casas brancas!...

Paris — Janeiro de 1913.

MARIO DE SÁ-CARNEIRO.

NOTA.—Foi em outubro de 1912, poucos dias depois da minha chegada a Paris — onde fôra inscrever-me na Faculdade de Direito— que eu conheci Petrus Ivanovitch Zagoriansky, natural de Moscou, cuja perturbadora história narrarei no meu proximo volume. Extraordinario artista, poeta admiravel, legitimo criador duma Arte inteiramente nova — o seu convivio intimo dalguns mêses teve uma influencia poderosa sobre a minha evolução literaria. Por desgraça, desse artista genial apenas nos resta o texto que hoje publico. Zagoriansky nunca imprimira coisa alguma, e numa crise subita de loucura destruiu (?) todas as suas obras que formavam um unico Poema e que eu fui um dos raros a conhecer. A sua loucura muito estranha deixou perplexos os alienistas que o examinaram. Perdidas todas as esperanças, a sua

◆ ALEM ◆

familia, que habita Paris, internou-o numa casa de saúde próxima de Meudon. As últimas notícias que recebi do desventurado dão-no como gravemente enfermo duma tuberculose muito adiantada. Julguei pois ser ocasião de publicar o único fragmento que escapou do Poema. Petrus Ivanovitch confiara-me a cópia dactilografada deste trecho, que é próprio traduzira literalmente para francês e que eu — sob a sua direcção — adaptei ao português, esforçando-me por manter o ritmo do original e as mesmas consonâncias. De resto, mais do que no *sentido*, a Arte do russo residia no timbre cromático ou aromal do som de cada frase e no *movimento* peculiar a cada «circunstância» dos seus poemas. Embora a sua grande beleza, a minha interpretação está — bem entendido — muitíssimo longe da maravilha em sugestão rítmica que era o texto russo de Zagoriansky. — MARIO DE SÁ-CARNEIRO.

❖ ESPIRITUALISMO ❖



ANSEIO insofrido! — todo envolto
E levado nas ondas desse vento, —
Para mundos bem longes, asas sólto,
Num espiritual contentamento!

Que longo vôo extático e ligeiro!
E passo os montes, e entre os sóis divago,
Quando me surges lá, em nevoeiro,
Como um corpo de ondina á flôr dum lágo . . .

E vens, sorrindo vens . . . (imenso o amôr,
Divino o amôr que põe, assim em flôr,
Todo o teu corpo de árvore nubente! . . .)

. . . Pelos Jardins-das-Nuvens deslizamos . . .
Sob o pálido dos sóis, resplandecente,
Deus perpassa nos beijos que trocamos.

Lisboa, 1912.

CELESTINO RODARTE DE ALMEIDA.